



Terra,



REVISTA DE ARTES E LETRAS

Introito

NÃO acreditamos que haja, dentro do Brasil, tantas literaturas quantos são os seus Estados, nem, ao menos, literaturas regionais, como a «do norte» e a «do sul». Haverá, talvez, aqui ou ali, tendencias mais ou menos accentuadas, mas isso não caracteriza literatura alguma.

As tendencias são phenomenos historicos, pois, filhas de circumstancias duma certa epoca, têm a sua chronographia. Houve quem as quisesse fazer derivar do genio da raça. Disso não se tem prova segura. Como poderiam ellas provir da raça, si, ás vezes, criam e desenvolvem ideais inesthetics, ou duma belleza impecavel, que, entretanto, se apagam e desaparecem depois de certo tempo, sem que a raça haja soffrido mudança alguma na sua plastica psychica?

O pendor da literatura brasileira

è, actualmente, de franca imitação a dispare e oppostos mestres estrangeiros, com especialidade franceses, porque a França é a eterna tentadora, si bem que nem sempre lhe copiemos a última novidade. Ora, o labor literario catharinense deve de enveredar pela mesma estrada. E envereda, realmente.

Não nos venham dizer que José de Alencar e Gonçalves Dias, p. ex., deram á nossa literatura lindos, incontestaveis e permanentes caracteres de originalidade. Pois, perguntamos nós: acaso terão perdurado nas nossas letras o indianismo do romancista cearense e o lyrismo romantico do autor dos *Tymbiras*? Quem é que se arrojará a resuscitar nos nossos dias a ingenua fabulação de *Iracema* e o sentimentalismo classico da poesia de Gonçalves Dias?

O que vemos são romances em

Introito

cuja carnação circula o sangue do naturalismo de Zola e Eça, e versos dum lavor superfino, acabados segundo as regras mais severas do sybarita Theodoro de Banville, ou do vago e suggestivo Verlaine. Outros, menos *attardés*, modelam o seu versejar (ai! e o seu prosar também) pelas rimas de Samain...

"Les rimes se frôlant comme des tourterelles,
"La fumée où le songe en spirales tournoie."

De fôrma que o que vemos persistir não revela originalidade nenhuma, mas, sim uma larga imitação. Não haverá perdão para esse crime, si crime fôr? Cremos que sim.

O nosso país entrou na Historia quando as demais literaturas por que hoje nos guiamos, se achavam formadas e enchiam a epoca de um esplendor radioso. Num tempo em que todo o ar se sonorizava com o labor do intellectualismo cosmopolita, derubador de fronteiras, era natural que nos sentissemos arrastados antes a assimilar o fruto do pensamento estrangeiro do que a descobrir no subsolo da nossa raça as energias artisticas que ali dormiam e, provavelmente, dormem.

Sem querer, o Brasil, buscando alcançar o mesmo poder de vibração literaria conquistado pela velha Europa, dava um passo no longo caminho que leva á realização do grande ideal de Goethe — a literatura uni-

versal (1), — cujos caracteristicos principais são: extincção das fronteiras naturais das literaturas nacionalistas e trabalho simultaneo dos espiritos eminentes dos diversos países, afim de se instruirem reciprocamente, se completarem e se continuarem uns aos outros (2).

Neste seculo de curiosa pressa e videira luta pela conquista da perfeição e dominio moral e material, só se conservarão originaes os países que fecharem as portas ao caixeiro-viajante e ao escriptor estrangeiro. Não é paradoxo. A China e o Japão, enquanto inacessiveis ao livre transito de gentes alienigenas, tiveram na sua vida social e literaria um senso recatado e proprio á sua idiosyncrasia. Desde, porém, que pediram amostras e preços aos industriais de Manchester, Hamburgo e Marselha, e começaram de receber essas brochuras amarelas que em Paris custam 3 francos e 50, em Londres 3 xelins e 3 marcos em Berlim, nunca mais puderam dizer que estavam virgens do bafejo do estrangeirismo.

Pelo livro, sobretudo, é que se realiza o maior intercambio entre os povos. Ha nações que necessitam de idéas como de pão para a bocca. E

(1) J.-W. Goethe: *Ueber Weltliteratur* (1831).

(2) A. Bossert: *Hist. de la littérature allemande*, 4e. éd., p. 435.

Introito

o livro mata-lhes a fome. Como as idéas calam mais fundo do que adagas, a sua influência é poderosa e irremissivelmente certa. Não é, pois, de surpreender que, accitando idéas forasteiras, também accitem as consequências dessa assimilação natural.

As bellezas das literaturas regionalistas morrem quando essas literaturas se extinguem, ou quando declinam e se diluem as tendencias que lhes deram nascença. Em literatura só têm longa vida as creações que encerrarem maior somma de humanidade, — devendo tomar-se aqui *humanidade* não no sentido de benevolencia de homem para homem, porque isso é do dominio da moral, mas sim de expressão generalizada da personalidade humana, que tal é a exigencia da philosophia da arte.

Absorvendo as producções literarias de países mais avançados e mais cultos, e procurando por ellas guiar seus passos, a literatura brasileira não

perpetra crime. Dá-se com as literaturas o que se dá com as linguas: ás vezes, com mais frequencia do que se julga, ellas têm necessidade de suggestões e orientações advindas do estrangeiro, como os idiomas têm necessidade de novos termos, exigidos pelo progresso industrial, scientifico, etc. Diz-se que «lingua que estaciona é lingua morta»... Appliquemos o dito á literatura, *mutatis mutandis*, e o simile será perfeito. São aspectos do insuperavel evoluer humano.

Por todas essas razões, TERRA não quer restringir o seu ambito artistico ás fronteiras do nosso Estado. O homem actual deve estender o olhar por horizontes mais dilatados. Delimitar terreno de acção para o espirito é agrilhoá-lo. O pensamento só é fecundo quando é livre.

Libertemos esse Prometheu !

Altino FLORES.



EGEGIA AZUG

COM a agonia de um *lied* nas pupillas quasi mortas, Fräulein Edelweiss passa pela vida--loira, serena e cheia de mysterios!

Na sua bocca de *willy*, de que a drosera da renuncia sugou o esplendor e a frescura, os sorrisos emergem como flôres estranhas nas ruinas de um nicho.

Fräulein Edelweiss suggere-me piedade. Como se vivesse escutando estradivarios ao longe, em surdina, o seu andar é perdido e tem qualquer cousa de umido.

Lembra a sombra de uma nuvem sôbre as aguas immoveis!

A' noite, quando os cães acuam, de pavor e de frio, nos desvãos das portas fechadas, ella pensa que é Mephistopheles que passa, para as montanhas de Harz, á festa de Walpurgis.

Conta uma lenda alemã que eu ouvia em pequeno, na perdida felicidade da minha infancia, que as almas immáculas das

raparigas que se afogavam no Rheno, do mal do abandono, vinham á noite errar, em theorias, pelas lezirias palustres do velho rio.

E certa noite, ao rondarem os E'lfos entre as tramas do gît bravo, a mais nova de todas e a mais triste revelou ás companheiras a legenda do seu grande infortunio!

Ella descia, uma tarde, da montanha, onde andava a pascera as cabrinhas de olhos virgilianos.

Era a hora em que as mulheres, nas ediculas das muralhas, accendiam as velas propiciatorias.

Cantava.

A meia encosta, junto a um tronco roído d'annos e onde um corvo, sinistro e feio, batia as asas negras, um mancebo sorria, segurando o copo de oiro da espada.

Ai! antes não o houvera encontrado nunca! Amou-o.

Depois... lentos dias, em lentas horas de languidez, ambos vagaram pelos montes, pelas

ELEGIA AZUL

florestas sonoras, escutando as profundas palpitações da seiva e as verdes eclogas das fecundidades.

No campo, o loiro amado lhe traduzia as cantigas das flores, a musica azul do céu alto, as paixões luminosas que andavam nos olhos das estrellas.

Sob o olhar de seda do homem amado ella sentia um morno enlanguescimento, desconhecidas impressões de tédio e de ventura!

E adormecia sôbre os seus joelhos!

As chammass do suave peccado envolveram-na numa carícia de beijo...

Mas um dia, para que Deus achasse em graça o seu Amor de gravura, ella tirou d'entre os seios de jaspe um crucifixo de oiro. Então, aos seus olhos afflictos, o loiro mancebo sumiu-se, deixando no ar um rastro phosphorescente num acre cheiro

d' enxofre. Nesse dia, quando as velas se accendiam nas edículas das muralhas, no fundo do longo rio os Nixes a encontraram ainda de palpebras abertas. Mas os Nixes que vagueavam entre os limos doentios, transformados em fogos-fatuos, ouviram a tôrva historia da *willy* desventurada.

E ao voltarem, com o nascer do sol, ao seio das aguas, as almas tristes das raparigas, a mais nova de todas e a mais triste, achou cerrada a sua urna de algas!

E' por isso que, ainda hoje, ella anda pela terra, com a orla da tunica encharcada---loira, serena e cheia de mysterios.

Fräulein Edelweiss! Fräulein Edelweiss!

A lenda que eu ouvi, em pequeno, na perdida felicidade da minha infancia!

Othon d'Eça.



DOR PERPÉTUA

QUE Dor eterna e atroz, que estranhas maguas
Geme o glauco Titan, chora o oceano?...
E' o gemido de um peito quasi humano,
Num concerto de gritos e de fraguas!...

Sentindo o mesmo immenso desengano,
Da praia, as ondas, num olhar afago-as;
E, onviudo o triste soluçar das aguas,
Solução o mesmo desejar insano.

Sinto a minh'alma ansiada que se apruma!
Chòro! E as ondas tambem choram, quando
Recuam, grandes lagrimas de espuma...

Sentem tambem a mesma dor exul,
E, tambem tentam, verdes, soluçando,
A escalada da terra para o azul!

Caio de Mello Franco.



O TROPEIRO



O tropeiro é um homem forte, sobrio, gostador de mulheres, baralho e corridas de cavallos. Bota, esporra, rabo de tatu.

Usa chapéus de aba larga com barbicacho e borla. Pala grosso para o frio e ponche para a chuva. O ponche dobrado em rôlo, dentro de uma capa de couro ou de pato, preso aos tentos do lombilho, na garua do ginete. Sobre a anca deste, á direita, o laço de cuja meada se desdobram tres voltas em circulo, uma das quaes, a maior, vae até o jarrete do pingo. Muitos gostam de *bolas*.

No pescoço lenço grande, ramalhudo, de côres berrantes. Na cintura a guaiaca com uma portinhola de pelle de lontre, a garrucha de dois canos e a adaga. Alguns trazem pala branco a esvoaçar num contraste com o verde-gaio do campo. Os mais pacholas, pimpões ou "intimidadores" enfeitam as montarias com lombilho de cabeça prateada, freio de serrilha e roldana barulhenta. Os outros carregam facões de metro e meio, a cujo esgrimir foi dado o nome de cotejo. Não havia outrora uma festa sertaneja no zona para alem da Serra do Mar, em que se não dêsse um desses terriveis encontros.

Conta-se uma scena typica, a esse respeito.

Numa familia em que todos tinham fama de valentes, desavieram-se, um dia, o pai e dois filhos. E os facões retiniram num encontro de morte: os filhos contra o pai.

Da janela da casa, como si presenciasse uma simples altercação, a esposa gritou para o marido:

—Nhô Antonio, não se entregue a esses cachorros!

E os golpes e os pontacos se cruzavam em arremetidas loucas.

Ao dia seguinte, gravemente feridos, eram todos tres tratados sob o mesmo tecto, e o velho dizia de quando em quando para os filhos, em voz alta:

—Conheceram, seus *porqueiras*? Ainda está para nascer quem me bata ao facão.

Em essencia, porém, gente boa, serviçal, dedicada e immensamente hospitaleira.

Crispim MIRA.

Quadro grego

A cornamusa ao longe modulava,
E, na clareira vaga e silenciosa,
Adormeceu a Nympha misteriosa,
Sob os festões de uma roseira fláva.

Corria a brisa inquietamente, brava,
de pendão em pendão, de rosa em rosa.
Um aroma de carne perfumosa
entontecia o azul... Crepusculava.

Vinha um doce rumor... E o fauno, perto,
olhou-a. Elle dormia, o corpo exposto,
e o véo em dobras sobre o collo aberto...

Uma fructa vibrou longe, sonora...
E elle sorriu antegozando o gosto,
D'aquelle fructa dos jardins de Flora.

Virgilio Brigido Filho.



Chegar...

ESTEVÃO. — Vamos, não te poderás queixar... Olha, *A Ideia* te dedica duas columnas e meia... O menos que te chama é — illustre!

Sergio. — Sim...

Estevão. — *A Reacção* publica o teu retrato na primeira pagina... Estás perfeito.

Sergio. — Sim...

Estevão. — Ah! Sobretudo o mais admiravel é o artigo do Guidal... E' um grande critico! Que phrases!... Que serenidade de juizo! Nada; desta vez ficas para sempre consagrado. Não ha uma só opinião contraria ao drama. Triumphaste sobre tudo e sobre todos...

Sergio. — Sim....

Estevão. — Mas... que tens?

Sergio (com abatimento). — Não sei. Tristeza, fastio... que sei eu?... Cansaço de viver!

Estevão (assombrado). — Será possivel? Como? Quando teu nome anda de bocca em bocca? Quando alcanças o premio de todos os teus esforços, de todas as tuas esperanças? Quando chegas, enfim, até onde havias sonhado tanto e acreditavas impossivel? Não te comprehendo!...

Sergio (com amargura). — Como me podes comprehender si ignoras o que forma essa gloria?

Estevão. — Pois... seja como fôr, és injusto, sim, muito injusto. Teu

desalento não tem razão de ser. E' uma ingratição.

Sergio. — Para com quem?

Estevão. — Para contigo mesmo. Não querias *chegar*? Não te ouvi mil vezes dizer: Ah! quando eu *chegar*!...?... Que mais buscas ainda?

Sergio. — Busco aquillo que eu era quando comecei a lutar... Busco aquelle coração ingenuo e leal que me sabia suster e alentar; aquellas illusões que sorriam e cantavam dentro de minh'alma! Aquelle pensar alto e sereno; aquella generosa indulgencia deante do êrro; aquella ansia infinita do Bem... *Chegar!* Ah! não!... não foi eu que cheguei! Foi outro! E' um desconhecido... um inimigo... Quando ouço applausos, tardios já, que desgarram todo o meu ser, tenho impetos de gritar: «Toma tudo isto... Leva-o! Não o quero... Restitue-me aquellas joias tão formosas: a illusão, a esperanza, o sonho, a fé, o entusiasmo, a bondade, a alegria!... toda a minha mocidade, toda a minha vida!...»

Estevão. — Então por acaso pensaste que o caminho era facil?

Sergio. — Não!... Acreditei que a maldade fôsse impossivel... E vejo, como infinita dor, que não só é possivel como contagiosa... A' força de me fazerem damno, fizeram-me mal!... Humilharam-me e apprendi a odiar...

Chegar...

A injustiça deixou em mim a ansia de vingá-me... O desprezo me fez cobarde, servil, falso... E assim cheguei a triumphar!... Pobre de mim!...

Estevão. — Mas... não podes renovar o teu espirito? Limpal-o desse limo? Purifical-o com o perdão? Que maior vingança que a de ver, a teus pés, todos aquelles que te não puderam alcançar e impedir que ascendesses? Ainda te ficou o esquecimento: graças a elle poderás ser um novo homem...

A alma evolve, transforma-se; sofre, sim, mas consegue ser grande e vencer a si mesma. Assim como lu-

ctaste para *chegar*, lucta agora para tornar a encontrar-te.

Sergio. — E' impossivel!

Estevão. — Não. Porque ha de ser?

Sergio. — Porque me amedronta retroceder e tornar a soffrer tudo quanto já soffri... Não te disse que era cobarde?

Estevão. — Resigna-te então com o teu destino: muitos o invejariam...

Sergio. — Tens razão!... Porém, que final tão amargo para uma vida!... Resignar-se!...

(Do espanhol de *Franfreluche*).



A CANÇÃO DA SAUDADE

QUE tarde immensa e fria!
Lá fóra o vento rodopia...
Dansa de folhas... Folhas, sonhos vãos
Que passam, nessa dansa transitoria,
Deixando em nós, no fundo da memoria,
O olhar de uns olhos e a caricia de umas mãos...

Ante a moldura de um retrato antigo,
Põe-se a gente a evocar cousas emocionaes.
Tolda-se o olhar, o labio treme, a alma se aperta,
Tudo deserto, a vida em tómo tão deserta!
Que desejo nos vem de soffrer mais!

Depois... ha sempre um cofre e desse cofre
Tiramos velhas cartas, de vagar...
E' a volupia enervante de quem soffre:
Ler velhas cartas e depois chorar!

Que tarde immensa e fria!
Nunca mais te verei... nunca mais me verás!
Lá fóra o vento rodopia...
Que desejo me vem de soffrer mais!

Olegario Marianno.



Epitafio em f3rma de balada

MEIO dia livido de Novembro. A umida claridade do nevoeiro envolve as coisas numa tristeza agreste.

O sol 3 branco, debil. As beguinhas passam aconchegadas em seus longos manteus pretos, e a cidade tem a c3r e a doçura dos passos que n3o se ouvem.

A luz 3 macia, crepuscular, com reflexos de vagas melancolias por tudo o que no mundo vive e sofre. E atr3s dela, a sombra, filha dum cinzelador florentino, anda a tornar mais fundo o encanto saudoso da cidade morta.

Na monotonia apagada do outro tempo, ergue-se a Torre do Concelho, amaaçadora e violenta. Em frente est3 a Igreja, armada em ar de guerra, e 3 roda, cruzando-se, ruelas estreitas, curvas e negras.

A Torre concelhia 3 a sentinela da cidade. Sempre numa arrogante vigilancia, parece saber que guarda em si toda a historia de um povo, no momento eterno em que a sua grandeza, n3o cabendo na terra, teve de se levantar para o ceu.

Houve torres que foram t3o altas como o sol: grito de orgulho talhado em pedra, as geraç3es rasteiras inda o ouvem.

A comuna insubmissa regulava os movimentos do seu coraça3o pela voz do sino, que no mais subido da Torre pusera atalaia.

De l3 vinha anunciada a hora do sol saído, em que os teares encontravam a melop3a perdida com o sol posto, e quando deviam calar-se e fechar as tavernas.

Movia o trabalho e regulava os prazeres. E se havia guerra, a sua voz era a mais forte e a primeira a chamar a rebate.

Ainda de p3, violenta e dura como o seculo em que nasceu, a Torre do Concelho 3 a incarnaç3o das liberdades flamengas, o espirito da comuna eternizado.

Torre negra e quadrada, em cada canto tem um soldado petrificado descansando a m3o ruda na guarda da espada.

E um Drag3o em vivo gira ameaçador 3 roda da agulha, como se estivesse estendendo os olhos pela longa planicie, para dar o alarme num grito em que houvesse a certeza da vit3ria.

Burgueses de Bruges, de Ypres e de Gand, j3 Roelandt n3o leva 3 vossa alma o s3opro heroico que a animava, mas na sua irrobilidade majestosa, perseverando no esforço imperceptivel da vontade comum, a Torre fica no coraça3o da cidade como um Hercules em pedra, irm3o dos deuses da mitologia, vencedor do Tempo e da Fatalidade!

A alma adormece num passado longinquo.

O sol tem a claridade doce da

Epitáfio em fôrma de balada

prata velha, num ceu palido de rosas desfolhando-se...

Estou só na rua deserta. Ai, a agonia que as coisas sofrem quando morre o crepusculo!

Sinto a beleza suprema do silencio na tragedia que pesa sobre mim.

E vejo, na soledade que me envolve, côres barbaras de lanças e arnezes.

Na desolação de tudo, só a Torre comunal continúa teimando em evocar tempos de revolta e fé, numa

sarenidade altiva que não conhece a morte e desdenha a esperança.

A Torre surge sinistra do fundo misterioso da treva, como a secular prisão do Leão de Flandres. E na calma mistica da noite, marcando as horas num constante grito ancestral de odio contra o repouso, o carrilhão parece estar a açulal-o, para que não vá ele também adormecer!

Luis d'Almeida Braga.



HORÓSCOPO

LU baterás da Glória à porta, que scintilla;
E, em vez d'ella, ha de vir o Vilipendio abril-a!
Sem uma só estrella, erratica, a tremer
No ceu negro, e de luz sequioso, irás bater
A' porta do palacio, onde a Razão fulgura;
E a Razão não virá abrir, mas a Loucura!
A' porta baterás da Virtude; e ha de vir,
Com uma gazua, o Crime a sacra porta abrir!
Do Olvido irás bater à porta, ao Crime enorme
Fugindo; mas o atroz Remorso, que não dorme,
Sem palpebras, velando, ha de a essa porta estar!
Desanimado já, depois de, sem cessar,
A tanta porta, em vão, bateres desta sorte,
Baterás à da Morte, emfim!

Bem haja a Morte,
Que a não deixou de abrir, jamais, a um coração
Cansado de bater e de esperar em vão!

Raymundo Correia.



“Fui vencido!”

FU? namorar? Só quando de todo tiver perdido o juizo, dizia-me meio exaltado e furioso o meu amigo Teixeira do Valle, ha dois bons annos.

Muito á socapa, sorri zombeteiramente, certo de que o Teixeira amigo beza cedo havia de perder o já muito apoucado sizo que naquelle tempo lhe restava.

É em tom prophético repliquei:

— Hei de ver-te, ó maldizente Valle, o namorado mais tolo e mais futil da cidade, tardes inteirinhas numa esquina, a cocar uma rapariga feia, que não goste de ti...

Ergueu-se irado da cadeira, rubro de raiva, e, ali mesmo, no *Café Popular*, diante de toda gente, descarregou, implacavel e damnado, sobre mim, todo o seu mau humor d'aquelle dia.

— Não, elle não era como eu, palerma, que me deixava ficar toda uma tarde, sob uma chuva torrencial, ridiculamente encostado a uma cerca de aramé, atolado na lama até os tornozellos, sem galochas, sem capa, sem guarda-chuva, sem nada, só pela torpe maluqueira de agradar á *pequena*! Eu sabia lá o que são mulheres?! Que lêsse Balzac, que aprendesse Schopenhauer. Todas ellas são de instinctiva velhacaria e astucia. A dissimulação e a mentira são defeitos capitães da natureza feminina. Ellas nunca chegam a querer a um homem

definitivamente. Só o amam enquanto não apparece um outro mais bello e mais forte.

E descambou a dizer mal das mulheres. Citou Madame Bovary, a Ameliuzinha do Padre Amaro, Madame Arnoux, evocou toda a triste historia da desgraçada Luizinha do primo Bazilio.

— Com essas ideias assim pessimistas, provavelmente não tencionas casar? indaguei meio a rir.

— Não sou tão imbecil assim que vá arriscar a minha grata liberdade e o meu doce sossego, só pelo futil gosto, o atoleimado prazer de ter uma mulher, alimentar-a, engordar-a, vestir-a, enfeitá-la, e tudo isto á custa de muita canceira e de muito trabalho, para que um bello dia ella subitamente abale, sem saudades e sem remorsos, para terras distantes, na piugada de um palhaço de circo — deixando-me a mim, só, a penar pasmadamente e a morrer torturado pela acerba vergonha do vivo ultraje! Não, eu não caso, não casarei nunca, meu amigo... Ouve lá, as mulheres enojam-me. E não faço excepções! Todas são ruins, crê!

Ri muito gostosamente nesse dia, do assustado receio e do grande pavor do meu bizarro amigo Teixeira do Valle.

.....
Partiu. Foi ao Rio. Esteve lá um anno inteiro, em estudos.

“Fui vencido!”

No ultimo janeiro veio á terra ver os paes, já velhinhos e saudosos do filho tanto tempo distante.

Uma tarde, casualmente, encontrei-o á Praia de Fõra, olhando aborto, embevecido, a agonia lenta do dia que expirava devagarinho, em religiosa tristeza.

De leve lhe toquei o largo hombro.

— Estás poeta ?

— Não ! respondeu num claro sorriso.

— Ainda pensas mal das mulheres ?

— Ainda, disse-me, porque jamais esquecerei aquillo de Schopenhauer: «é impossivel encontrar uma mulher absolutamente veridica e sincera.»

.....
Passaram-se as ferias. O Teixeira voltou para o Rio, a proseguir nos estudos.

Chegou hontem um vapor do Norte.

Recebi uma linda sobre-carta ro-

sada, onde a mão gorda e roliça do meu amigo Valle havia traçado, a capricho, numa letra muito redonda e muito igual, este curto endereço :

Calixto Chagas

Florianopolis

Abri pressuroso e inquieto, na grande ansia de saber o que era feito do meu amigo de tão exquisito pensar.

Não foi sem grande pasmo e viva surpresa que li isto :

TEIXEIRA DO VALLE

tem o prazer de participar que contractou casamenro com a senhorita

Maria da Graça Aguiar

Rio, 20-11-1915.

E, á margem, na mesma letra igual e redonda, a confissão piegas :
«*Fui vencido!*»

(Dezembro de 1915.)

Haroldo CALLADO.



TANTALISMO

*U vou agonizando, agonizando.
não á feição do Sol, atrás do monte,
nem á do legionario formidando
que para a Morte avance e á morte affronte.*

*E, si morrer não deixo quem te conte
a odyssea infeliz de amores que ando,
—rio errante que ignora a propria fonte—
vertendo em prantos, desde nem sei quando!...*

*É morro incerto sobre si me queres...
Ah! a culpa é minha que jamais te hei dito
seres a mais amada das mulheres!*

*Tens o destino das grandezas vastas:
és-me o horizonte azul, és-me o infinito...
Quanto mais me aproximo, mais te afastas...*

HERMES FONTES.



A Primavera e o Mocho

I—O homem também adora a Primavera, esse bello das Cousas,—essa ironia angelica da Luz, incidindo sobre a sua intima tragedia.

II—A Primavera não interroga a dor humana, como o Outono; — põe á sua frente, a sorrir, um luminoso ponto de interrogação com reticencias de flôres...

III Ha, todavia, quem não ame o gracejar e carregue o sobr'olho desconfiado ante a propria graça d'um Anjo...

IV—Eu amo a Primavera, porque nella está presente a nossa infancia.

Quando vejo uma flor, sinto-me infantil; a creança que fui—espreita-a pelos meus olhos.

V—O' Primavera! O' virgem! Sombra de Astréia perpassando pelo Mundo!

Tu és a antiga alegria do homem, a edenica alegria, que, na hora da Queda, fugiu da sua alma para a alma das cousas...

Tu és a antiga alegria do homem, que o Sol lhe mostra, todos os annos, como a dizer-he: «Não a esqueças! Vive da sua lembrança que a tornarás a possuir...»

VI—Pelas manhãs de abril, quan-

do a aurora pinta a primeira verdura e molda as primeiras petalas, fico assombrado ao vêr quanta delicadeza, quanto viçoso mimo a aspera Terra esconde!

VII—A Primavera enche o meu copo de alegria. Embriaga-me os sentidos. Como o Deus Baccho, do alto dum rochedo, canto a infancia das Cousas.

Deu-me Apolo a corda outonal da sua Lyra; mas a Esperança é a minha Musa... Que me importa que ella appareça quasi sempre vestida de sombra e de silencio? Sou eu, vencendo a minha propria alegria, impondo ao seu vulto de sol e de flor, essa noite cosmica de tragedia astral e humana, que me turva o sangue e a luz dos olhos...

VIII—O Mocho, coitado, também ama a Primavera.

O canto erudito não desdenha a ingenua canção. Gosta mesmo de a vêr brincar através do fumo dos seus oculos...

IX—O Mocho canta na Primavera, e o seu cantar promette a alma ao Demonio.

Ha Margaridas nos montes e nos outeiros.

O Maluco dos livros quebra o Compasso e a Esphera, e, protegido pela sombra da noite, vagueia nos pinhaes,—e canta! Mas o seu canto

A Primavera e o Mocho

faz lembrar o homem depois da Queda; tem resonancias funebres, e o som alado que o forma sente as suas asas de cinza turbar a luz da lua...

Ai dos passaros que fizeram o ninho na arvore da sciencia! Ai da voz que pergunta!

X—Pobre Mocho, a Primavera não te pertence! Por mais que abras o bico letrado, por mais que cantes o

teu latim de agoiro, aquelle Vulto de flor e sol não é para as tuas garras poídas de esgravatar sepulcros; — é para o Melro alegre, para o Rouxinol inspirado, para essas aves que vivem, mais cheias de luz na sua ignorancia divina, do que tu, pobre Mocho, na tua sciencia diabolica!

Teixeira de Pascoaes.



NOVENAS EM MAIO

— «**P**OR quem rezas assim ?» perguntas-me, querida,
Quando voltados tenho os olhos ao Infinito.

— Rezo, querida,
Pela tua vida.
Eu sei que tens o coração afflicto,
Cançado de chorar.

Agora mesmo ao luar
Que sobre o mar
E' todo prata diluida,
Volto os olhos ao Azul e rezo humildemente.

E conheces a ermida
Resplandecente,
A mais bonita do lugar,
Onde a minh'alma vae quasi sempre rezar ?

E' ella a tua
Alma que agora está cheia da luz do luar
D'esse Maio tão lindo,
Que em flores vae-se abrindo
Pelos longos caminhos
Perfumados
E os orvalhados...

Tudo parece estar coberto d'alvos linhos !

Que linda torre de marfim
Essa ermidinha tem ! E' o teu bello pescoço !
E eu, que não sou moço,
Nunca vi outra assim !...

E d'essa torre os sinos
Crystalinos,
São os teus olhos mysticos, divinos.

Que musicas têm esses dois sinos !

NOVENAS EM MAIO

São elles quem chamam sem cessar
Para rezar...

E pela tua boca em flor, porta sagrada,
D'essa ermida de tanta luz banhada,
E' que a minh'alma desce para rezar,
Cheia de desejos,
Nas brancas asas fluidicas dos beijos...
E ahi fica ajoelhada
Junto ao teu coração,
Que é o florido Altar-mór
Onde ella canta antiphonas de cór.

Agora, por exemplo, ao teu lado, querida,
Rezo, (não orações sacrilegas, damninhas)
Rezo as ladainhas
Do meu amor de irmão,
A' virgem Senhora da Conceição.

Voltados tenho os olhos ao Infinito...

Ai! dos que têm o coração afflicto!

(Coqueiros, 14--5--1919.)

Arnujo FIGUEREDO.



A CIGARRA

(DE ANACREONTE)

Tu deves sentir-te feliz, ó!
cigarra! quando ador-
meces, umidecida de
orvalho, nas altas franças do ar-
voredo, como si fôras uma rai-
nha!

Tudo o que te cerca e que
traz o beijo da floresta; tudo o
que vês na vastidão dos plainos,
palpita em ti na sua Essencia!

Pelos mortaes tu és glorifica-
da, porque todos te saúdam e
vêm em ti—a meiga e delicada
mensageira do Estio!

As Musas te adoram!
E ama-te Apollo — o loiro
deus que te pôz na garganta
uma clara voz harmoniosa!

Só a velhice te nega um olhar
de amor, subtil filha da terra!

Porque não amas senão o
poema dos teus cantos e não
conheces o acre soffrimento!

E não tens nem sangue, nem
carne e és, por isso, quasi igual
aos Deuses!

(Do francês de P. Duclos).



EXHORTAÇÃO

(Trecho de um poemeto)

.....

HOMENS! coveiros sois das proprias almas vossas,
Victimas para quem abris sombrias fossas,
Na lama de um porvir illimitado e tragico,
Talvez a presumir, entre o scenario magico
Da frivola esperança, alguma realidade
Envolta no burel escuro da vaidade,
Sudario protector da mesquinhez humana!

Muitos millenios ha que numa luta insana,
Não respeitando nada e ambicionando tudo,
Tendo por arma o crime e o vicio por escudo,
Assim, contra o fadario adrede prevenida,
A parva Humanidade aos poucos se suicida,
E morre moralmente a torpe aventureira,
Victima de si mesma, ainda que não queira.

Podeis imaginar o mundo actualmente:
Grande vulcão que traz no bojo incandescente
Vaidade, ambições e crimes hediondos.
São lavas que na guerra, entre explosões, estrondos,
Após sua expulsão, mais horridas e cruas,
Cahindo-lhe depois sobre as espaduas nuas,
Fazem-no agonizar de dores horrorosas...

As chagas para Deus são calices de rosas,
Não essas chagas vis, abertas pelo vicio,
Mas outras que provêm do nosso sacrificio.
Homens! desentulhae as vossas consciencias
--Peores do que o mal são sempre as consequencias--

Exhortação

Dessas escorias vis, dessa sarabulhada,
Antes que vos envolva a escuridão do Nada;

Porque na escuridão tal desentulhamento
Será muito mais atro e muito mais cruento.
E saneae também a face do planeta,
Buscando com avidez electrica, insueta,
Tornar esse labor mais simples e succinto,
Pela moderação do vosso mau instincto
E regeneração dos vossos corações!

Vossas almas enchei de sentimentos bons,
E não terminará com tanta hediondez,
Mas entre orchestrações e canticos talvez,
De flores num redil, o seculo presente;
Seculo cuja aurora esplendida e silente
Nos apresenta a cõr sangrenta dos crepusculos,
E em cujo berço emfim, com vigorosos musculos,
Marte vingou Mercurio, abrindo para o mundo
O abysmo funeral de um tumulo profundo,
Que tem de um lado a cruz e doutro lado a espada:
Uma---regendo o **Todo**, outra---regendo o **Nada**!...

Mascarenhas FILHO.



A rajada maldita

A guerra ainda não se fartou de todo. Apenas emmudeceram as boccas famintas dos canhões e tiveram descanso as máquinas infernais que são a morte, a desgraça e o extermínio da humanidade.

As trincheiras — as grandes covas abertas para a vida e para a morte são ainda extensas valas de cemiterios guardando em seu seio infencundo as ossadas dos soldados.

Os homens, menos fezozes, menos sedentos de sangue do proximo, voltaram aos lares — vasio uns, outros de todo transformados — écos dolorosos de miséria, de fome e de prostituição.

A guerra espreita como um tigre, através das ruinas coalhadas de sangue dos herois.

A seu lado, os seus ministros — o odio e a ambição — espiam tambem dos escombros, mal fartos dos horrores que causaram.

Um ambiente de duvidas, de incertezas e de desconfianças parece nublar os primeiros assomos da aurea madrugada da paz.

Foch ainda não tem de todo a certeza, si a espada que flammejou defendendo a França poderá descansar na bainha.

Chocam-se ideias; estremecem os homens.

Metralharam-se com indomita e bravia furia, exercitos contra exercitos; as cidades foram assaltadas; os canhões derrubaram os mais flagrantes e vivos testemunhos de arte e de historia.

Reims cedeu á bala e desmoronou nua estrondo que poz éco de dor em todo o mundo, ruindo com o seu thesouro de bellezas.

O queimor da fêbre maldita matou mães, trucidou crianças, alogou nas profundezas dos mares a agonia de milhares de vidas e fez calar na garganta de Edith Calwel o grito da maior angustia.

Tudo foi alvejado, desde os hospitaes aos berços dos innocentes.

Só o verdadeiro mal escapou incólume á furia da devastação!

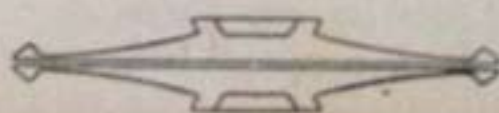
O orgulho, a cubiça, a eterna voragem do ouro, salvaram-se a rir.

Orgulho, ouro, fronteiras — eis o flagello ainda vivo, insaciavel senhor do banquete de carne e sangue humanos!

E em quanto a humanidade não se livrar de tamanho mal tanto basta para que haja guerras...

(Fins de janeiro de 1920.)

OSWALDO MELLO.



Tempestade

A' querida esposa.

PASSARA-SE o dia de calor intenso e abrasador e começava, agora, a declinar, languido, como que cansado de ter supportado, durante as suas horas fugidias, os inclementes raios solares.

No horisonte, até então sereno e puro, começam a acastelar-se densas e negras nuvens, prenes de borrasca, que avançam, céleres, quaes corseis em desabrida carreira para o campo da batalha.

Em breve lapso de tempo, tudo se demuda. Já não é o mesmo horisonte limpido e colorido de esplendido rosicler: é o horisonte negro que ameaça tremendo temporal.

Já agora, começa o vento a soprar de rijo, envergando em sua furiosa passagem os troncos annosos das copadas arvores e eriçando os leques das gentis palmeiras; as ramagens dos arvoresdos balouçam-se freneticas, deixando desprenderem-se as suas folhas amarellecidas e seccas, que voam ao léo; as aguas do mar proximo já se encrespam em vagalhões que se succedem, que se chocam e que, afinal, vão quebrar-se, dissolvendo-se em alva espuma, na branca areia da praia.

Emquanto isto, o homem deixa— aqui, a officina ou a fabrica em que labutou horas a fio e, ali, o campo,

onde soffreu as fadigas de um dia de calor estafante e caminha, a passos ligeiros, em demanda do lar que o abrigue, generoso, do temporal prestes a desencadear-se.

O veu merencoreo da noite, mais ennegrecido que de costume, distende-se rapido e os primeiros relampagos, zigzagueando, rasgam, de espaço a espaço, o negrume do horisonte, illuminando-o de cores exquisitas e povoando-o de phantasticas figuras...

Subito, forte ventania quebra o silencio que, por momento, se fizera e, logo apòs, desaba o temporal desfeito em caudaloso aguaceiro.

Plena tempestade!

Relampagos succedem relampagos; ribombam trovões; corruscam faiscas e a ventania cada vez mais forte, esfuzia impetuosa — aqui, destelhando casas e desmoronando barrancos; ali, arrancando arvores fortemente enraizadas e arrastando troncos pezados; além, sibilando, estridente, nas bastas franças das arvores, a curval-as, a desfolhal-as...

*
**

Pela vidraça, contemplava eu o painel tetrico do duello que se travara e o campo, onde, em lucta titanica, se debatiam, em furia, os elementos. E a lucta proseguia infrene e cerrada.

Tempestade

*
**

No dia seguinte, rompia placida e serena a manhan, com o seu horisonte esplendente de luz e os passaros, em revoada, cortando o espaço, desferiam, alegres, ternos gorgeios, agudos trinados, saudando o romper da aurora e chamando o homem ao cumprimento dos deveres de mais um dia de labor nas lides do bem em prol da familia e da humanidade.

*
**

Como na natureza physica, assim, na vida humana — as luctas surgem, resurgem, succedem-se, continuamente para, a final, nos lançar no silencio bonançoso do tumulto que, todavia, não é no inspirado dizer do poeta e nas fulgidas asserções da Palavra Eterna — As Escripturas — a suprema palavra da vida.

JULIO C. NOGUEIRA.



OS DIAS

A' em meio caminho — entre a ilha do Carvão, á esquerda, e o Cemiterio que rampeia para o mar, á direita, — um companheiro de passagem, desejoso de trocar idéas, me quebra o mutismo dirigindo-me a corriqueira observação que cem vezes tenho ouvido a cem pessimistas:

— Fica feio, não acha ?... o cemiterio ali, logo á vista; quem chega do Rio ou do sul extranha com razão. Depois — não acha o senhor ? — entristece vêr a gente todo dia aquellas cruces negras, aquellas catacumbas brancas... Deviam mudar dali o cemiterio, não é ?

Eu tinha que responder ou uma trivialidade, ou uma graçola, ou um paradoxo barato e facil.

Comecei pela graçola:

— Aquillo ali é o nosso futuro brilhante...

O homem não esperava tal disparate. E foi amarela e escandalizadamente que se riu:

— Bem. Não ha quem lhe escape. Em chegando a hora, ja se sabe: vai-se mesmo sem remedio ! E' branco, é preto, é homem, é mulher, é criança, é... vai tudo.

— Tudo, continuei eu, tomando-lhe a palavra. Tudo ! E p'ra bom lugar se vai. Pena é que deitado e de costas se esteja lá. Os tres panoramas do dia: amanhecer, entardecer,

anoitecer, por quem definitivamente faz moradia ali, somente no céu podem ser observados.

— No céu ?...

— Claro. Só no céu. De papo para o ar, só no céu... No mar, cá em baixo, não lhes é dado gozar aos pobres mortos a visão da manhã, da tarde, das estrellas...

— O senhor graceja... Mas, falando serio, não lhe parece que fica feio o coroarem o morro de tumulos em vez de o coroarem de edificios ? Não é um desperdicio de lugar pittoresco ? Não é ? Edificassem ali predios publicos, casas apalacetadas, depois uma ladeira como no Rio, na Gloria... Dêsem aquillo aos vivos, não aos mortos !... Não acha o senhor ?

Lembrei-me do paradoxo; lancei-lhe um desta casta :

— Não ! Com franqueza, não acho ! Olhe. Aos mortos dá-se tudo, talvez porque não precisam nada. Dedicam-se-lhes mausoléos, marmores finos, inscrições funebres, lisongeiras até á mentira ridicula; a estatuaria gasta com elles a sua inspiração; oradores sacrificam a elles a musa (ás vezes os assistentes) em panegyricos longos; flores, flores aos centos, rosaes inteiros, são-lhes offertidos. Por que razão, dando-se-lhes tanto e tanta cousa, só não se lhes devia dar um local pittoresco, um eterno leito onde dormissem o seu silencioso dormir ? Descanse. Aquel-

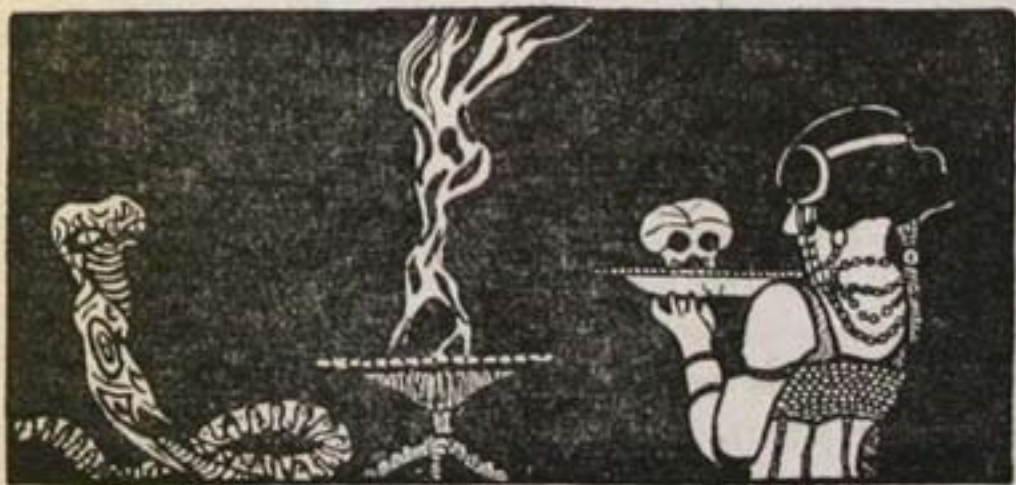
Os dias

les mortos e aquelles tumulos, ali não ficarão eternamente. Os nossos netos, talvez os nossos netos, talvez os nossos filhos, já conseguirão erguer as suas moradias, e dormir, vivos, por sobre aquellas carcassas enterradas... Um cemiterio não é eterno. Nem os moitos acordarão se os martellos do

trabalho soarem naquelle alto, edificando, levantando, calçando... O somno da morte é mais longo que o da vida. Tambem mais fundo, mais ferrado...

(1917).

Barreiros FILHO.



A MASCATINHA

LA' de ha muito, de quando em vez, ao toque de gaita ou ao ladrar de matracas, apparecem por ahi na poeira dos caminhos e nos cantos das ruas, vendedores ambulantes que vêm de longe, mascateando por este mundo de Deus. As mais das vezes são arabes ou turcos. Chegani, apregoam seu commercio com um reclamo *sui generis*, attrahem a curiosidade e arrastam comsigo a credulidade publica sempre affeita á charlatanaria. No fim de algumas semanas, com grande escandalo nosso, vemos lojinhas de negocio miscellaneo, com rumas de quinquilharias, fazendas á meda, e, lá no fundo, elle, o heroe rocambolesco surgindo por detraz do fructo da perseverança, da economia e do charlatanismo. Agora somos visitados por uma bonita turquinha com requebros captivantes. Vem de longe, da terra que foi byzantina e sonha com a côrte esplendente de Solimão I. A pequenina mascate possui essa belleza do ori-

ente, que se concentra no olhar profundo que fere e canta doçuras; o olhar das turcas revelador do encantamento pristino das virgens de Byzancio. Vendo-a «vestidinha de chita, com uma frescura saudavel», não ha quem se não recorde daquella tocadora de realejo «timida, rosea, de um perfume da alta Saboia», tão lindamente pintada por Fialho de Almeida. Não tem pae nem mãe a parece feliz! Um lenço multicolor, num laço geitoso, esvoaça de continuo sobre a cabecita da pequenina filha da Turquia. Encanta, quando ameiga um sorriso para offerecer ao freguez os mil nadinhas que traz num bahu pintado de verde. E, assim, lá vae ella, rosada e sorridente, batendo de porta em porta, tão moça e bonita, e já aos solavancos do vortice da sorte. Que sejas feliz, bella mascatinha! Que te comprem tudo que levas ahi dentro do bahusinho verde! Que te comprem tudo!

Laercio Caldeira.



O ITAJAHY

O Itajahy é um rio sinuoso que, numa carreira desconcertada, apertado entre as margens pantanosas, apenas cobertas por uma vegetação enfezada, contorcendo-se constantemente em curvas caprichosas, desce de Blumenau a Itajahy, ligando duas populações tão diversas que, quem se transporta duma á outra, parece não viajar na mesma patria.

Na ultima curva, a *grande*, como lhe chamam, elle se contrae, sorve sequiosamente toda a agua que corre, para, alargando-se, aprofundando-se, avolumando-se, projectar-se rumosamente para a frente num escachoar formidavel e herculeo, 'té metter-se mar a dentro, com impulso elege de quem vence.

A' noite, quando a Vida dorme exausta das fadigas diurnas, é que elle, então, se apresenta em toda a sua magnificencia, fazendo tremelear no dorso as imageus da lua e das estrellas, e os pantanos das margens explodem em irradiações fugidias de fogos-fatuos o *boi-tatá* tão ingenuamente creado e temido pelos pescadores da costa. A horas mortas o barulho surdo da agua a correr parece uma canção marinha, cantada ao longe, saudosamente, na cava duma vaga, por voz salitrada de marujo forte. Quando á costa vêm chegando as canôas dos pescadores de

camarão, fachos accessos pendidos do bordo branco, o ferir dos remos e o deslizar dos barcos levantam tanta ardentia, que lembram barquinhos de marfim viajando num mar d'oiro.

Digno é de se ver, nos dias de cheia, vestido dum vermelho barrento, matizado do verde das moitas de aguapé correndo á desfilada, como elle ruga de raiva, lambendo os barrancos, como uma féra a brincar com a presa antes de devoral-a. E o pescador o teme nesses dias de raiva.

O remo não resiste á impetuosidade selvagem do rio; as velas arquejam, gemem cheias de sueste fresco, quebram-se as retrancas, um farto bigode de espuma fervente pela prôa, dá a impressão de que o barco anda, foge numa carreira velocissima e inédita, quando nem se move, fazendo o cavername rosar de cansaço tentando vencer a furia da corrente que se atira atropeladamente barra fóra, manchando, 'té o pharol das Cabeçudas, o verde-vivo do mar, de vermelho sujo. Por vezes, animaes ainda vivos apanhados subitamente pelas aguas, cumieiras inteiras, pequenas embarcações de pesca, objectos domesticos, saem mar alto, arrastados pela vertigem da corrente. Nas praias, então, formam-se grupos maltrapilhos procurando arrepanhar alguma cousa que lhes sirva. E o Itajahy continúa a rugir e a correr.

O ITAJAÍ

É a loucura do rio.

Dois ou tres dias, e a colera passa.

A agua torna-se de novo limpa, espelhenta, crystallina, e o rio volta a ser o mesmo amigo dos pescadores que lhe cortam o dorso com as canôas carregadas de pescado, cantando mansinho, alegres e sadios, enquanto caçam a escôta á véla, o

interessante *chama-vento* dos nossos barqueiros :

*“Chega, vento!
Enche, maré!
Vira, canôa,
Mata as muié!”*

Alberto BARBOSA.

